

## ENTREVISTA

### PEDAGOGIAS CULTURAIS: um diálogo com Marcelo Victor da Rosa

MARCELO VICTOR DA ROSA<sup>i</sup>

Esta edição da Revista Eventos Pedagógicos, tem como temática as Pedagogias Culturais em interface com a saúde mental. Os objetivos da entrevista oportunizam aos leitores e pesquisadores da área reconhecer a importância das Pedagogias Culturais para o entendimento das forças sociais, políticas e obviamente culturais que circulam em torno dos sujeitos e de suas aprendizagens. A escolha do nosso entrevistado, Dr. Marcelo Victor da Rosa, deve-se às pesquisas e publicações no campo das Pedagogias Culturais e de sua grande e expressiva experiência na graduação e na Pós-graduação.

O professor possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998), mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e Doutorado em Educação pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2016). É professor associado II e atua como docente nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Culturais/CPAQ/UFMS e Educação/FAED/UFMS. Desempenhou o papel de tutor do PET Educação Física de fevereiro de 2010 a julho de 2014. Foi Diretor Artístico do Bailah: grupo coreográfico em dança de salão de 2006 a 2020. Coordenou o programa PIBID (2018 - 2019). Foi coordenador dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul entre 2017 e 2019. Foi orientador do Programa Residência Pedagógica de 2018 a 2024 no Curso de Educação Física. É coordenador do Projeto de Extensão Dança de Salão. É pesquisador do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP/UFMS) e do Impróprias: Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (UFMS). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, Dança, Gênero, Sexualidade e Corpo, tendo como principal referência teórica Michel Foucault.

Agradeço a honra que o Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa nos concedeu ao disponibilizar seu tempo, ao aceitar o convite para compartilhar conosco seus saberes que contribuirão sobremaneira para o enriquecimento desta edição da Revista Eventos Pedagógicos.

Janete Rosa da Fonseca<sup>ii</sup>



Este trabalho está licenciado sob CC BY-SA 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite:  
[https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

1 – Janete Rosa da Fonseca: Professor Marcelo, o século XX foi marcado pela procura de uma educação pautada por e na cultura. No início do século, o educador francês, *Celestin Freinet* (1896-1996) advogava por um ensino pautado pela experiência e pelo contato do aluno com o mundo exterior. Da mesma forma, Paulo Freire (1921-1997), defendia que o conhecimento de mundo, inerente a todo ser humano, é essencial para a tarefa educativa, por último, temos Henry Giroux<sup>1</sup> (1997) que defende que cada espaço pelo qual o ser humano transita tem um cunho pedagógico, e que algum aprendizado dele, podemos extrair. Transcorrido um quarto do século XXI, quanto considera que temos avançado na Educação, e quanto temos ainda por avançar, no entendimento da importância e das implicações da cultura na Educação?

Marcelo Victor da Rosa: Considero complicado falar em avanço na Educação, principalmente quando atrelada às implicações da Cultura. Digo complicado por entender que a Educação e a Cultura são duas áreas que estão em constante embate político. Na atualidade, principalmente a Educação é considerada central para governantes conservadores/as no exercício de controle da população. Exemplos não faltam, mas aqui vou destacar a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Brasil (2017). Distante de discussões, diálogo e construção coletiva, tal documento resultou, por exemplo, na concepção de competências e habilidades, muito valorizadas em tempos de expansão do modelo de empreendedorismo para a escola. Não posso deixar de destacar, também, a retirada de qualquer menção a gênero, enquanto um importante marcador social da diferença para a Educação, da BNCC. O Movimento Brasil Livre e a Escola Sem Partido têm se esforçado para implantar a ideia de “ideologia de gênero”, resultando em projetos conservadores, como a Lei da Mordaça, e um pânico moral na sociedade brasileira. Na Cultura, os problemas são de diversas ordens, desde a extinção do Ministério da Cultura, no governo Bolsonaro, a perseguição de artistas e produtores/as culturais até a desvalorização e embate em torno da Lei Rouanet. Mas, como nos ensina Michel Foucault (1988), onde há poder há resistência. No caso da BNCC, diferentes autores/as têm elaborado críticas ao documento, tais como Marcos Garcia Neira (2024). Hoje, no atual governo do Presidente Lula, voltamos a ter um Ministério da Cultura, que, inclusive, tem como Ministra Margareth Menezes da Purificação Costa, uma mulher negra. Por fim, mas não menos importante, temos a luta de diferentes movimentos sociais contra a Lei da Mordaça e a favor da inclusão das discussões de gênero na escola.

2 – Janete Rosa da Fonseca: Um outro elemento importante a se considerar, no que diz relação ao entendimento da cultura, é que ela é constitutiva de toda a espécie humana e não um patrimônio exclusivo de uma elite letrada ou artística, como até meados da contemporaneidade presumia-se. De que forma as práticas artísticas e culturais podem atuar como ferramentas de transformação social e empoderamento?

Marcelo Victor da Rosa: Atrelar uma funcionalidade às práticas artísticas e culturais é um risco. Entendo que a arte não tem um fim específico, ela é plural, do campo da hermenêutica. Dito de outra forma, tem espaço para a contemplação, mas também para o artivismo. Falando em artivismo,

<sup>1</sup> GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Artes Médicas, 1997.

embasado em autores/as como Roberta Stubs et al (2018) e Rui Mourão (2015), realizei uma avaliação artivista juntamente com as acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na disciplina de Educação, Sexualidade e Gênero no ano de 2020, no terrível início da pandemia da Covid-19. O processo foi difícil, por várias questões, mas o produto foi gratificante. As alunas conseguiram expressar diferentes temáticas do campo dos estudos de gênero e sexualidade a partir de performances registradas em vídeos<sup>2</sup>. Acredito na potência de trabalhos avaliativos para além das provas teóricas, mas daí a dizer que essa avaliação/experiência transformou o olhar das hoje pedagogas e possibilitou que as mesmas façam um trabalho pautado em uma perspectiva feminista, é complexo e infundado. Em junho de 2025 construí, na disciplina Metodologias de Ensino das Danças do curso de Licenciatura em Educação Física da UFMS, uma avaliação em forma de espetáculo de dança, realizada no Teatro Glauce Rocha/UFMS<sup>3</sup>. É importante ressaltar que muitos/as discentes nunca entraram em um teatro antes dessa avaliação. Alguns/algumas até já tinham entrado, contudo, nunca tinham se apresentado em um palco, enquanto apenas poucos/as já dançaram em teatros. A proposta foi transformar os jogos mortais da série Round 6 em dança, jogos dançantes, e o resultado também foi, do meu ponto de vista, alcançado. Essa série trata centralmente da decadência humana frente às dificuldades financeiras, o que leva as pessoas da série a jogarem e matarem uns aos outros para ganhar muito dinheiro e pagar suas dívidas. Por trás disso tudo, temos apostadores milionários se divertindo com a morte alheia e com o contrabando de órgãos humanos. Novamente me pergunto, será que essa avaliação/experiência mudou a visão dos/as estudantes frente à dança? Será que eles/as irão desenvolver esse conteúdo nas escolas? Esses e outros questionamentos não serão respondidos aqui. Entretanto, no próximo semestre, uma nova turma fará essa disciplina e sigo acreditando no potencial da arte e, especificamente, da dança na formação inicial de professores/as. Contudo, não no sentido de empoderamento, pois a partir do entendimento foucaultiano de poder, esse não é da ordem da posse, mas sim, do exercício. Todos/as exercem poder, então a lógica de empoderamento caí por terra, uma vez que empoderar remete à ideia que tal sujeito é destituído de poder. Por isso o uso plural de relações de poder.

3 – Janete Rosa da Fonseca: A integração das pedagogias culturais no currículo é fundamental para considerar e valorizar a pluralidade de experiências e saberes. Paula Deporte de Andrade (2016), uma das organizadoras do Livro, “Pedagogias Culturais<sup>4</sup>: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade,” nos fala que pensar sobre pedagogias culturais é pensar sobre um conceito acionado a partir do referencial dos Estudos Culturais. Professor Marcelo, poderia nos apresentar a sua percepção do conceito de pedagogias culturais? E quais autores dão ancoragem para essa percepção?

<sup>2</sup> As performances podem ser vistas em: <https://nenp.ufms.br/2021/02/26/performances-de-genero-e-sexualidade-experiencias-artivistas-de-academicas-do-curso-de-pedagogia-da-faed-ufms/>

<sup>3</sup> Indico a leitura dessa notícia para ampliar as informações a respeito do espetáculo: <https://www.ufms.br/evento-aberto-ao-publico-traz-ginastica-e-espetaculo-de-danca-inspirado-em-serie/>

<sup>4</sup> CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa; ANDRADE, Paula Deporte. Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade. Editora Appris, 2016.

Marcelo Victor da Rosa: Minha percepção do conceito de Pedagogias Culturais passa pela pluralidade. Em primeiro lugar, você sabiamente escreveu no plural, ou seja, não temos uma Pedagogia Cultural no singular. Em artigos publicados por mim, juntamente com orientandos/as, temos desenvolvido, por exemplo, as seguintes pedagogias: pedagogia da saúde a partir do Grindr (Gabriela Montecio e Marcelo Rosa, 2024), e pedagogia da transmissão do futebol de mulheres (Alini Peixoto et al, 2023). Currículos e metodologias circulam nessas pedagogias. Ainda na ideia de pluralidade, as pedagogias culturais possibilitaram ampliar o entendimento de Educação que, para muitas pessoas, é atrelada exclusivamente à escola. Aqui se entende que a Educação ocorre em diferentes espaços, e as também diferentes pedagogias nos proporcionam a construção de conhecimentos para além dos currículos oficiais, como a já mencionada aqui BNCC. Tenho pesquisado com orientandos/as, como disse, distintos artefatos culturais, como: Grindr (Gabriela Montecio e Marcelo Rosa, 2024); Canal “Desimpedidos” da plataforma YouTube (Alini Peixoto et al, 2023); Vídeo de divulgação de 20 anos do Ministério do Turismo do Brasil (Guilherme Delmondes e Marcelo Rosa, 2024) e cantigas de capoeira (Marcelo Alves e Marcelo Rosa, 2022). Em relação aos/as autores/as que dão ancoragem para esse entendimento de pluralidade posso citar: Maria Lúcia Wortmann, Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira, Tomaz Tadeu da Silva, Sandro Bortolazzo, Marlécio Maknamara e Tiago Duque.

4 – Janete Rosa da Fonseca: A resistência à mudança de paradigmas educacionais pode ser um obstáculo significativo no entendimento do conceito de pedagogias culturais e de análise dos artefatos culturais. Se pensarmos na relação entre discurso e poder, levando em conta as teorias de autores como Michel Foucault<sup>5</sup>, para entender como os artefatos culturais não apenas refletem, mas também constroem e perpetuam relações de poder. Como a análise dos discursos e representações presentes nos artefatos culturais pode revelar a identificação e desconstrução de estruturas de poder e hegemonia cultural, e qual o papel das pedagogias culturais na promoção desse processo crítico?

Marcelo Victor da Rosa: Tanto a ideia de desconstrução de estruturas de poder e da hegemonia cultural quanto a promoção de processos críticos por meio de artefatos culturais e pedagogias culturais podem não acontecer. No artigo escrito por mim em parceria com Tiago Duque (Marcelo Rosa e Tiago Duque, 2022) explicamos, por meio da experiência em ministrar uma disciplina compartilhada entre dois professores em dois programas distintos de pós-graduação, que ao pesquisarmos diferentes artefatos culturais e Pedagogias Culturais nossos resultados podem, sim, revelar um cenário crítico, mas também pode, do mesmo modo, revelar cenários conservadores e tradicionais. Inclusive ambos podem coexistir no mesmo artefato investigado. Na questão anterior cito alguns artefatos por mim pesquisados juntamente com orientandos/as. Na pesquisa de Alini Peixoto et al (2023), observamos três aspectos do currículo ali presente: uma comparação entre o futebol delas com o dos homens, a valorização do Futebol de Mulheres e um desmerecimento dessa prática e das mulheres. Tais aspectos compõem o que chamamos de Pedagogia da Transmissão do Futebol de Mulheres, que ao mesmo tempo valoriza as mulheres jogadoras de futebol a partir das próprias mulheres; valoriza as mulheres usando como comparação os homens, ou seja, mesmo quando se quer valorizar as mulheres a norma é o homem, e por fim, desvaloriza as mulheres

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1981.

jogadoras de futebol, uma vez que esse esporte ainda é concebido como pertencente ao universo dos homens. Destaco um importante resultado que evidencia como esses processos às vezes coexistem, lembrando a máxima de Foucault aqui já mencionada, onde há poder há resistência. Um time que no ano de 2021 participava do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A1, ou seja, o mais importante campeonato de futebol do Brasil, não trazia os nomes das jogadoras nas camisas. Após várias manifestações de diferentes pessoas, em diferentes contextos midiáticos, ao final do campeonato os nomes foram inseridos nas camisas.

5 – Janete Rosa da Fonseca: De acordo com Grossberg<sup>6</sup> (1998), os estudos culturais estão comprometidos com os estudos de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. Hoje em que medida os estudos culturais podem contribuir para a resistência contra narrativas dominantes e para a promoção de vozes marginalizadas nas discussões sobre cultura e educação?

Marcelo Victor da Rosa: Os Estudos Culturais são um campo de investigação potente para se pensar em resistências contra narrativas dominantes e na constituição de pessoas marcadas pelas suas diferenças. Para confirmar, basta olharmos as dissertações produzidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da UFMS, onde diferentes objetos foram investigados priorizando um olhar atento às populações indígenas, LGBT+, pessoas com deficiência, negritude, religiões de matriz afro-brasileiras, mulheres, crianças, violências, artes, entre outros. Produzir conhecimentos a partir dos saberes historicamente construídos por sujeitos que estão fora da norma cis-heterossexual-branca-cristã-homem-não deficiente-adulto é o caminho para tensionar, fissurar, discutir e provocar mudanças sociais. Tenho apostado na lente da interseccionalidade para apurar minhas análises frente ao grande desafio no campo da pesquisa nos Estudos Culturais. A partir de uma leitura pós-crítica, minha escolha passa pela leitura construcionista da interseccionalidade, ou, como nomeia a antropóloga Adriana Piscitelli (2008), categorias de articulação. Os diferentes contextos que venho investigando são marcados por complexidades, imersos em práticas sociais e atravessados por micropoderes que, muitas vezes, podem escapar aos olhos daqueles/as que não se dispõem analisá-los a partir dos múltiplos cruzamentos entre os marcadores sociais da diferença. São justamente esses cruzamentos que nos mostram as sutilezas das relações de poder que ali estão em jogo e os modos de subjetivação que ali se produzem. Diferenças que produzem desigualdades, mas também agência.

6 – Janete Rosa da Fonseca: Professor, levando em perspectiva que após 30 anos da primeira edição do livro, “Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação” (1995), organizado por Tomaz Tadeu da Silva, considerado o primeiro livro sobre Estudos Culturais em Educação no Brasil, quanto pondera que os docentes do ensino superior têm avançado em compreender o mistério que estes alienígenas implícitos na metáfora do título da obra representam para nós?

<sup>6</sup> NELSON, Cary. TREICHLER, Paula, GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma introdução In: Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Tomaz Tadeu da Silva (ORG) Editora Vozes, 1998.

Marcelo Victor da Rosa: A ideia de “quanto” remete a quantidade, análise quantitativa. Minha lente é preferencialmente qualitativa. Além disso, não aposto no enunciado de “avanço”, uma vez que, influenciado pelos estudos pós-críticos e foucaultianos, comprehendo que os contextos são imbricados de relações de poder que não operam em apenas uma direção. Dito de outra forma, não estamos apenas avançando, certamente também há retrocessos. Além disso, não trabalho com sujeitos universais, ou seja, pra mim, é importante saber quem são esses/as “docentes do ensino superior”, a presença dos marcadores sociais da diferença, seus contextos sociais, as relações de poder que são estabelecidos em suas instituições, enfim. Como sou professor universitário, sigo trabalhando para que meus/minhas alunos/as, principalmente os/as futuros/as professores/as, que estão na formação inicial, possam compreender o mistério que estes alienígenas implícitos na metáfora do título da obra representam para a educação em seus múltiplos contextos.

Obrigado pelo convite. É a primeira vez que sou entrevistado no formato de publicação para uma revista científica. Sou grato por esse momento potente e pelas perguntas que me levaram a rever conceitos e práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo Barbosa; ROSA, Marcelo Victor da. Currículo nas cantigas de capoeira: identidade e poder. POIÉSIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 16, p. 85-101, 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC/SEB, 2017.

DELMONDES, Guilherme Rodrigues; ROSA, Marcelo Victor da. Análise da pedagogia cultural constituída no vídeo de divulgação de 20 anos do Ministério do Turismo do Brasil. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, v. 11, p. 69-84, 2024.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MONTECIO, Gabriela Alencar; ROSA, Marcelo Victor da. Navegando pelo Grindr entre currículos de possibilidades e limites: a pedagogia da saúde em tempos de pandemia da covid-19. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), v. 40, p. 01-24, 2024.

MOURÃO, Rui. Performances artivistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética da resistência. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, p. 53-69, 2015.

NEIRA, Marcos Garcia. A Educação Física nos parâmetros, orientações e na Base Nacional do Ensino Médio. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 32, n. 124, p. 1 – 21, jul./set., 2024.

PEIXOTO, Alini S.; ROSA, Marcelo Victor da; RIBEIRO, Leonardo Silva; SOUZA, Giovana Mestriner de. Pedagogia da Transmissão do Futebol de Mulheres. Educação em Revista (Online), v. 39, p. 1-17, 2023.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul., 2008.

ROSA, Marcelo Victor da; DUQUE, Tiago. Estudos culturais e educação: processo ensino-aprendizagem em Mato Grosso do Sul na pandemia da covid-19. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP*, v. 103, p. 808-822, 2022.

STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; LESSA, Patrícia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 26, n. 2, e38901, 2018.

Recebido em: 4 de julho de 2025.

Aprovado em: 19 de julho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v16i1.13916>

---

<sup>i</sup> Marcelo Victor da Rosa. Doutor em Educação pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor associado II, atua como docente nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Culturais/CPAQ/UFMS e Educação FAED/UFMS.

*Curriculum Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/9826086389046368>

*ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0621-0389>

*E-mail:* [marcelo.rosa@ufms.br](mailto:marcelo.rosa@ufms.br)

<sup>ii</sup> Janete Rosa da Fonseca. Doutora em Educação pela Universidade UDELMAR, Chile. Título de Doutora concedido pela Universidade com "Distinção Máxima". Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS/ CPAQ.

*Curriculum Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/4564086131381479>

*ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-7732-0385>

*E-mail:* [janete.fonseca@ufms.br](mailto:janete.fonseca@ufms.br)